

# *A Constituição do Sujeito Hesitante na Trama do Discurso*

THE CONSTITUTION OF THE HESITATING SUBJECT  
IN THE PLOT OF THE DISCOURSE

João **KOGAWA\***  
Denise Gabriel **WITZEL\*\***

**Resumo:** Ao tomar como objeto de análise a escrita de Georges Perec em *W ou le souvenir d'enfance*, este estudo apoia-se nas formulações sobre modalidade autonímica, desenvolvidas por Jaqueline Authier-Revuz, com o intuito de dar visibilidade a jogos metaenunciativos nos quais se inscrevem movimentos reflexivos, resultantes de sequências do dizer que se voltam explicitamente sobre si mesmo. São apresentadas voltas reflexivas, notadamente autocomentários que permitem observar efeitos de sentido de inquietação que nutrem toda a narrativa e, ao mesmo tempo, caracterizar um sujeito hesitante produzido nas dobras do dizer.

**Palavras-chave:** George Perec. Retorno reflexivo. Metaenunciação.

**Abstract:** Upon taking Georges Perec's writing in *W ou le souvenir d'enfance* as the object of this analysis, this study is supported in the autonimic modality, developed by Jaqueline Authier-Revuz, with the objective of giving visibility to metaenunciative games in which reflexive movements are inserted, the ones resulting from speech sequences that turn explicitly upon themselves.

---

\* Professor do Departamento de Letras da Unicentro. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP – FCLAr com estágio doutoral na Université Sorbonne Nouvelle (Paris III). Contato: [jmmkogawa@gmail.com](mailto:jmmkogawa@gmail.com).

\*\* Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Doutorou-se em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – FCL/UNESP-Araraquara-SP (2011). Em 2009, realizou estudos em programa de doutorado sanduíche na Universidade Louis Lumière de Lyon II, França. [denisewitzel@uol.com.br](mailto:denisewitzel@uol.com.br).

Reflexive returns are presented, especially self-commentaries which allow observing effects of uneasiness that fosters the whole narrative, and at the same time, distinguish the hesitating character produced in the speech.

**Key-words:** George Perec. Reflexive return. Metaenunciation.

## Introdução

Os estudos de Authier-Revuz dedicados ao fato autonímico, notadamente, os que se dedicam a elucidar a reflexividade opacificante da modalidade autonímica (doravante MA), mostram que a MA permite esclarecer, de forma bastante produtiva, o campo da discursividade “[...] com a condição de não se reduzir à função única de reenvio às palavras dos outros, mas de considerá-las em toda sua dimensão de modo, autodialógico, de questionamento reflexivo do dizer sobre suas próprias palavras.” (AUTHIER-REVUZ 1995, p. 183). Para além do agenciamento formal dos elementos constitutivos de um processo de desdobramento metaenunciativo, este tipo de construção cria discursivamente um efeito de sentido de controle subjetivo da língua e do tempo da enunciação.

É nessa perspectiva que procuramos evidenciar certos jogos metaenunciativos em *W ou le souvenir d'enfance*, de Georges Perec. A análise que propomos apoia-se nas sequências discursivas (SD) que constituem uma configuração particular na narrativa: aquela pela qual o enunciador comenta suas próprias palavras e inscreve, no fio do discurso que está sendo construído, as não coincidências das palavras com elas mesmas. Dessa forma, os comentários metaenunciativos instauram uma suspensão do tempo, uma ruptura momentânea da progressão linear que restaura, por sua vez, a posição ilusória do controle subjetivo sobre a linguagem.

O que chama a atenção no romance de Perec, no que concerne à metaenunciação, são, sobretudo, os numerosos autocomentários de dúvidas, reformulações, ajustamentos e retoques do dizer, traços discursivos perfeitamente coerentes com o projeto de escrita do autor, haja vista o efeito de sentido de inquietação que nutre toda a narrativa.

Assim, entre a autobiografia e a ficção, ou ainda, entre o fantasma de infância de *W* e a investigação da vida do autor a partir de documentos que contam episódios de uma infância brutalizada pela “História com H

maiúsculo”<sup>1</sup> (PEREC, 1993, p. 17, tradução nossa), podemos observar vários casos dessas formas de desdobramento; a partir de sua descrição e análise, podemos demonstrar as posições discursivas do sujeito em relação aos jogos metaenunciativos com a língua e o tempo, posições que neste estudo darão a ver o sujeito hesitante nas tramas discursivas.

## 1 Sobre o Romance de Perec

Para Georges Perec (1936-1982), cuja obra é, em grande parte, o testemunho da perda dolorosa de seus pais (imigrantes judeus de origem polonesa) durante a Segunda Guerra Mundial, a literatura pode ser considerada como um meio de criar um universo particular, uma escolha e uma afirmação de certa identidade. Seu pai foi mortalmente ferido em 1940 durante a ocupação alemã na França; sua mãe foi enviada um pouco mais tarde ao campo de Auschwitz e exterminada pelos nazistas em uma câmara de gás. Órfão desde pequeno, Perec foi confiado aos cuidados de uma tia paterna que o acolheu e depois o adotou. Ele nunca se recuperou dessa perda traumatizante, como podemos atestar a partir do seguinte extrato:

Eu escrevo: escrevo porque vivemos juntos, porque estive com eles, sombra no meio de suas sombras, corpo junto a seu corpo; escrevo porque eles deixaram em mim marca indelével e cujo traço se torna escrita: sua memória morreu com a escrita; a escrita é a memória de sua morte e a afirmação da minha vida.<sup>2</sup> (PEREC, 1993, p. 64).

---

<sup>1</sup> “[...] *l’histoire avec sa grande hache*.” Aqui, evidenciamos uma dupla possibilidade interpretativa possibilitada pela sonoridade da língua francesa. *Hache* pode ser interpretado tanto como machado quanto como a representação sonora da letra “H”. Assim, a interpretação de *hache* como “H” maiúsculo remete à factualidade dos acontecimentos que, por sua vez, remetem aos dramas da guerra enquanto constitutivos da História com H maiúsculo. Já *hache* interpretado como machado, aciona o caráter cruel e “cortante” dos acontecimentos que marcaram a vida do narrador.

<sup>2</sup> “*J’écris: j’écris parce que nous avons vécu ensemble, parce que j’ai été un parmi eux, ombre au milieu de leurs ombres, corps près de leur corps ; j’écris parce qu’ils ont laissé en moi marque indélébile et que la trace en est écriture : leur souvenir est mort à l’écriture ; l’écriture est le souvenir de leur mort et l’affirmation de ma vie.*”

Produzido sob a égide das prescrições de tipo olipianas<sup>3</sup> e dinamizado pela temática da ausência e pelo sofrimento que ela engendra, *W ou le souvenir d'enfance* desempenha um papel muito importante no conjunto da obra de Perec. O romance privilegia uma forma inédita em sua estrutura narrativa: encontramos duas partes, aparentemente, organizadas e alternadas de maneira independente. A parte em itálico trata da ficção relativa, inicialmente, ao mistério de uma criança desaparecida e, em seguida, da ilha de *W* na Terra do Fogo, onde se instalou uma sociedade ideal fundada sobre o esporte; a outra, em romano, trata da vida real de Perec a partir da lembrança lacunar de sua infância.

Entretanto, a autobiografia e a ficção acabam se mesclando no momento em que o autor cria a imagem do campo de concentração, colocando em destaque uma das características mais marcantes de sua obra: a questão do desaparecimento. Em outros termos, à medida que a leitura avança, ganha relevo a estreita relação entre as duas partes, porque em várias retomadas, seja no discurso ficcional seja no autobiográfico, a *démarche* da escrita de Perec retrança lembranças e acontecimentos que evocam as atrocidades da guerra, notadamente, os horrores do regime nazista concretizados nos campos de concentração. São essas atrocidades e horrores, como já foi observado, que o jovem Perec viu, viveu, imaginou e contou, na idade adulta, em *W*, mostrando-nos personagens, lugares e episódios que revelam a pequena história singular do órfão na grande História coletiva idealizada no/pelo romance. Desde o começo do romance, Perec parece construir a imaginação a partir do real e, ao final, o imaginário se torna a própria realidade.

Os entrecruzamentos da ficção de um mundo olímpico atroz com a retrospectiva (fluida) de sua própria existência deixam, no fio do discurso, as marcas linguísticas de imprecisões. Notamos a presença fundamental de uma exterioridade discursiva que constitui o sujeito e seu discurso hesitante

---

<sup>3</sup> Georges Perec era discípulo de Raymond Queneau e os dois eram membros importantes do Oulipo (*Ouvroir de Littérature Potentielle*). O que fazem os olipianos? “Eles trabalham. Certamente, mas em *QUÉ*? Fazendo avançar a *LIPO*. Certamente, mas *COMO*? Inventando obrigações. Obrigações novas e antigas, difíceis e menos difíceis e muito diíffíceiiis. A Literatura Oulipiana é uma *LITERATURA OBRIGADA*. E um *AUTOR* olipiano, é o quê? É ‘um rato que constrói por si mesmo o labirinto do qual se propõe sair’”, segundo <http://www.ouliipo.net/ouliopiens/O>. Consultado em 12 de junho de 2011.

em *W*; notam-se, igualmente, as formas da incerteza constitutivas do campo na metadiscursividade, aquelas que provocam uma enunciação desdobrada em uma autorrepresentação opacificante, cuja configuração em forma de modalidade autonímica “representa a enunciação como uma ‘não-coincidência com ela mesma’, em que o enunciador não se ‘faz uno’ no seu dizer, mas produz uma clivagem nesse dizer, distanciando-se de suas palavras, como autocomentador de si mesmo” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 84).

## 2 Heterogeneidade do Sentido e do Sujeito

Como os sentidos e os sujeitos são produzidos nos discursos? Eis a grande questão que se encontra no cerne dos estudos inscritos no campo da Análise do Discurso, desde suas primeiras formulações. Dentre as inúmeras contribuições que convergem para o delineamento de respostas para aquele questionamento – apontando para o impossível da estabilização e da unicidade dos sentidos e do sujeito – assumem especial relevo as propostas de Jacqueline Authier-Revuz. Dentre elas, acionamos suas reflexões ancoradas numa perspectiva enunciativa em torno da necessidade de o analista fazer funcionar, de modo concomitante e complementar, três campos do saber – a psicanálise, a análise do discurso e a linguística.

Situando-se na linguística, essa autora questiona a tradicional concepção homogeneizadora da discursividade que elege o sujeito como origem, fonte autônoma de seu dizer; sujeito portador de uma intencionalidade consciente. Ao propor uma análise linguístico-discursiva da relação da linguagem com sua exterioridade, ela, fundamentalmente e constitutivamente, assevera que, no sujeito e no seu discurso, está o outro<sup>4</sup> que não é um objeto exterior – do qual se fala – mas a condição constitutiva – o porquê se fala – do discurso. Em outros termos, seu trabalho teórico-analítico abre espaço de interlocução com o campo da enunciação, apontando os fenômenos da heterogeneidade constitutiva que dão forma à construção da subjetividade.

Vale lembrar que a dimensão subjetiva, de que trata Authier-Revuz (1982), baseia-se nas noções de dialogismo de Bakhtin e na abordagem

---

<sup>4</sup> Ao tratar da alteridade, faz-se uma distinção entre Outro (com letra maiúscula) que, na teoria lacaniana refere-se ao sujeito do desejo, e o outro (com letra minúscula) que se refere ao exterior social constitutivo do sujeito.

psicanalítica do sujeito de Lacan. A propósito da ideia bakhtiana de que a linguagem é uma prática social marcada pelo dialogismo, princípio constitutivo da linguagem e condição do sentido e do discurso, o teórico russo postula a existência de uma dialogização interna do discurso, na medida em que as palavras são sempre “[...] as palavras dos outros [...] nenhuma palavra é neutra, mas inevitavelmente carregada, ocupada, habitada, atravessada pelos discursos nos quais viveu sua existência socialmente sustentada” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26).

Daí se dizer que nossa palavra não é de fato nossa, pois ela sempre traz em si a perspectiva e a memória de outra(s) voz(es). Esse diálogo entre os muitos discursos da cultura se instalam no interior de cada discurso e o define. Com esse aspecto do dialogismo bakhtiniano, atesta-se que todo discurso é produzido mediante (re)atualizações de vozes cruzadas, concorrentes, contraditórias que polemizam entre si, completam-se ou respondem umas às outras. Esses outros discursos são, então, o exterior constitutivo, o já-dito a partir do qual se tece, inevitavelmente, a trama mesma do discurso.

A essas formulações teóricas, somam-se as considerações lacanianas sobre o sujeito psicanalítico, confrontado com o outro constitutivo, diferente do eu consciente. Sumariamente, há um sujeito que, além de não ser o centro do discurso, não possui liberdade discursiva individual desprovida de inconsciente. Isso significa que, por ser clivado, o sujeito não é um ponto, uma entidade homogênea, mas o resultado de uma estrutura complexa.

Authier-Revuz afirma que a cisão subjetiva não aponta para uma dualidade em que bastaria somar as duas partes para se ter o todo do sujeito. A relação entre consciente e inconsciente “[...] toma a forma geográfica de um percurso sem lugar em direção ao qual o sujeito se enuncia sem saber o que ele diz em uma fala que diz muito sobre esse saber.”<sup>5</sup>. Na concepção psicanalítica, o outro se localiza no próprio inconsciente do falante que é, então, habitado por vozes da família, da lei, da história, da religião, da escola, das posições sociais, enfim, de toda experiência enquanto indivíduo historicamente constituído. O outro, isto é, o inconsciente, é o lugar de onde emana qualquer discurso e para onde é remetida a subjetividade.

---

<sup>5</sup> “[...] *prend l'allure géographique d'un parcours sans endroit, ni envers d'où le sujet s'énonce sans savoir ce qu'il dit en une parole qui en dit long sur ce savoir*” (ROUDINESCO apud AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 138, tradução nossa).

Em suma, toda discursividade contém marcas desse descentramento do sujeito e, para apreendê-las, é necessário atentar para os procedimentos de funcionamento do que a autora denominou “heterogeneidades” do sujeito e do discurso ou não coincidências enunciativas. Precisamente sobre a heterogeneidade constitutiva, ela afirma:

A uma heterogeneidade radical, exterioridade interna ao sujeito e ao discurso, não localizável e não representável no discurso que constitui, aquela do Outro do discurso – onde estão em jogo o interdiscurso e o inconsciente – se opõe à representação, no discurso, as diferenciações, disjunções, fronteiras interior/exterior pelas quais o um – sujeito, discurso – se delimita na pluralidade dos outros, e ao mesmo tempo afirma a figura de um enunciador exterior ao seu discurso. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32).

Enquanto a heterogeneidade constitutiva não é localizável e/ou representável – já que ela está presente de forma diluída –, a representada é a evidência do outro. Isso altera uma aparente unicidade. Naquela, não se evidencia a alteridade na sua manifestação, nesta, a alteridade exhibe-se ao longo do processo discursivo podendo ser observada na própria superfície, através de marcas linguísticas. Ao explicitar a voz do outro, o sujeito falante ilude-se de que, só naquele momento, a fala não lhe pertence, ou seja, o discurso seria heterogêneo somente na sua forma representada, na medida em que “[...] quando o locutor marca explicitamente, com formas de distanciamento, pontos de heterogeneidade em seu discurso, delimita e circunscreve aí o outro, e procedendo dessa forma, afirma que o outro não está em toda parte”<sup>6</sup>.

Delimitando os espaços das heterogeneidades, o sujeito reivindica a autonomia de seu discurso sob a forma da denegação do outro: “[...] ao designar o outro de forma mostrada, o sujeito se esforça para consolidar o estatuto do um”<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> “[...] *le locuteur lorsque’il marque explicitement, par des formes de la distance, des points d’hétérogénéité dans son discours, y delimité, y circonscrit l’autre, et ce faisant affirme que l’autre n’est pas partout*” (AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 144, tradução nossa).

<sup>7</sup> “[...] *le sujet s’évertue, en désignant l’autre, localisé, à conforter le statut de l’un* (AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 145, tradução nossa).

Dentre as formas de construção dos enunciados heterogêneos, a autora se interessa mais especificamente pela heterogeneidade representada, afirmando que ela pode se concretizar de dois modos. Um deles é a autonomia simples, isto é, uma estrutura de fragmento mencionado acompanhada de uma ruptura sintática. Tal procedimento ocorre, por exemplo, mediante a utilização de termos metalinguísticos com os quais o locutor delimita em seu texto o que é “seu” e o que é do outro. É o caso da utilização das aspas e de glosas. A outra forma se dá pela chamada conotação autonímica, ou seja, sem que haja qualquer ruptura sintática, o fragmento mencionado é ao mesmo tempo um fragmento do qual se faz uso. Isso pode ser percebido em casos de citação indireta, alusões, ironia, etc, em que se faz uso da voz do outro sem delimitação formal, no interior da própria fala do um.

Com as formas não marcadas de conotação autonímica (como, por exemplo, o discurso indireto livre, a ironia, a antífrase, a imitação, a reminiscência) se joga com o outro discurso não mais no explicitamente mostrado ou dito, mas no espaço do implícito, do semidesvelado, do sugerido. Nesse caso, não se percebe a fronteira entre o dizer do outro e do locutor, pois as vozes se mesclam nos limites de uma única construção linguística, aparentemente única, de qualquer indivíduo. É nesse sentido que Authier-Revuz (1982) entende que a ambivalência das marcas da heterogeneidade representada não marcada dá relevo à incerteza que caracteriza a referência ao outro.

Para pensar a constituição do sujeito hesitante nas tramas do discurso da narrativa de *W ou le souvenir d'enfance*, importa analisarmos as formas de heterogeneidade representada depreendidas a partir dos comentários metaenunciativos, quer dizer, a partir das estruturas linguísticas nas quais o sujeito representa e circunscreve, como pontos localizados, fenômenos de não coincidência do dizer. São formas cujas características revelam uma negociação com a heterogeneidade constitutiva, operando sobre o modo de denegação: “Por uma espécie de compromisso precário que dá lugar ao heterogêneo e, portanto, o reconhece, mas para melhor negar sua onipresença” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 33). A realidade de tal onipresença é observada precisamente nos lugares onde se tenta encobri-la.

As não coincidências do dizer ocorrem em quatro campos:

- (a) Não-coincidência interlocutiva entre dois co-enunciadores, nos retornos em que o *tu* é explicitamente convocado [...]

- (b) Não-coincidência do discurso consigo mesmo, nos retornos que, em X, encena o jogo de um discurso outro [...]
- (c) Não-coincidência entre as palavras e as coisas, em retornos que evocam a questão da nomeação, da “propriedade”, da adequação [...]
- (d) Não-coincidência das palavras consigo mesmas, em glosas que fazem jogar em X os outros sentidos, as outras palavras da polissemia, da homonímia, dos trocadilhos [...] (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 189-190)

A partir de um olhar sobre a metadiscursividade, operando por essas diversas possibilidades de não coincidências que atravessam o dizer, é que se atestam os diferentes níveis no interior do próprio discurso, fundamentalmente no que diz respeito aos níveis articulados do heterogêneo “representado na” ou “constitutivo da” enunciação. Sublinhe-se, ainda, que as marcas representadas no fio do discurso funcionam como denegação e sintoma da heterogeneidade constitutiva, na medida em que o sujeito dá a ver o lugar de uma retórica da falha mostrada, da costura aparente, diferentemente das “fissuras, junções que funcionam como costuras escondidas sob a unidade aparente de um discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 34).

Com efeito, ao colocar em evidência estruturas como: (i) *X, se você concorda* – marca de distanciamento entre os interlocutores; (ii) *X, como diz fulano* – palavras vindas de outro discurso; (iii) *X, na falta de termo melhor* – falha entre a palavra e a coisa; (iv) *X, no sentido de Y* – equívoco do dizer, dentre muitas outras formas marcadas, o enunciador permite o trabalho interpretativo de um não um do sentido no seu dizer. Nesses espaços de não coincidências, além de o dizer se representar como não sendo óbvio, emerge a figura de um enunciador que comenta ao mesmo tempo em que enuncia, valendo-se de torções, laçadas reflexivas de um dizer complexo, desdobrado cujos sentidos são explicitados no aqui e no agora do seu sentido. É nessa linha de raciocínio que se pode afirmar que, no funcionamento da modalidade autonímica, a palavra é, a um só tempo, enunciada e comentada, dando a ver a não coincidência do sujeito com seu dizer.

Mais precisamente sobre o desdobramento metaenunciativo da modalidade autonímica, que orienta nossas reflexões analíticas mais à frente, atentaremos para a reflexividade da linguagem que implica uma posição subjetiva hesitante, particularmente as sequências discursivas elaboradas por um narrador-autocomentador inscrito nas tramas de um discurso de si.

Comentador que, desdobrando-se, restaura a imagem ilusória do sujeito que controlaria seu dizer e, ao mesmo tempo, instaura uma instância subjetiva autorrepresentável. No cerne da não coincidência, privilegiaremos as formas que impõem uma torcedura do dizer constituída pela dúvida, ajustamentos, insegurança etc e, conseqüentemente, impõem certo estado do sujeito enunciador que se representa ou que se descreve.

Em suma, diante das várias formas pelas quais a heterogeneidade se mostra nos textos, interessa-nos, mais de perto, as marcas, expressões ou termos que visam relativizar ou colocar em dúvida uma afirmação enunciada. Isso se mostra, em *W ou le souvenir d'enfance*, de forma recorrente e essa utilização massiva de metatermos cria, como veremos, um espaço hesitante na constituição do sujeito narrador.

#### 4 Desdobramentos do Dizer

Tomando, portanto, como ponto de partida a reflexividade autonímica “[...] no coração da meta-enunciação [...]” (AUTHIER-REVUZ, 2010, p. 19), observamos que, no romance de Perec, a autonímia se manifesta de múltiplas formas, mas ela apresenta aspectos específicos que revelam um universo problemático, confuso e desestabilizado, oferecendo ao leitor imagens em torno de um enunciador cuja infância foi arruinada pela guerra. Apontaremos, particularmente, os lugares de emergência de formas de MA que evidenciam essas imagens.

É preciso considerar que, entre as várias formas por meio das quais o dizer ganha existência, dois tipos fundamentais merecem atenção: de um lado, uma forma “direta” (a linguagem ordinária ou em uso) e, de outro lado, uma forma que retorna sobre si mesma (uma metalinguagem). No primeiro caso, o dizer é apenas pronunciado e o sentido das palavras não é considerado pelo enunciador nessa forma de enunciação. No segundo caso, a questão se torna mais complexa, na medida em que o sujeito falante não está certo do sentido que quer dar a um dizer qualquer. Conseqüentemente, o enunciador produz um autocomentário de seu próprio dizer, a fim de explicitar o que ele queria realmente dizer contra as interpretações não desejadas. É, então, um dizer sobre o dizer que vai tentar assegurar, defensivamente, o sentido pretendido.

As formas de explicitação do dizer, segundo Authier-Revuz (1994), podem se apresentar de maneira diversa: *Paráfrase* via expressão complexa que introduz uma estrutura sintática complexa iniciando com “ou seja”:

SD1: O que é claro, é que já havia começado uma história que, para mim e todos os meus, ia muito cedo se tornar vital, *ou seja*, mais frequentemente mortal.<sup>8</sup>

*Sinonímia* ou *dupla antonímia*, introduzindo uma estrutura sintática tal como “no sentido de”, etc.:

SD2: Hoje, quatro anos mais tarde, comprometo-me a pôr um ponto final – *quero dizer com isso* tanto “traçar os limites” quanto “dar um nome” – a essa lenta decifração.<sup>9</sup>

*Contextualização adicional*, explicitando informações a respeito de elementos contextuais adicionais:

SD3: É por essa razão que todos os membros da minha família adotiva que não escolheram emigrar para os Estados Unidos [...] se refugiaram em Villard-de-Lans ao mesmo tempo em que alguns de seus aliados (*entendo com isso os parentes distantes*).<sup>10</sup>

O caráter reflexivo nos incita a pensar em questões da ordem da língua, da história e da subjetividade. Ao colocar em discurso o autocomentário, a partir de recursos linguísticos que apontam certa relativização e insegurança do que foi dito, ele constrói, ao mesmo tempo, uma posição subjetiva hesitante diante de seu interlocutor em um momento dado da história. É o que podemos verificar nos extratos seguintes:

---

<sup>8</sup> *Ce qui est sûr, c'est qu'avait déjà commencé une histoire qui, pour moi e tous les miens, allait bientôt devenir vitale, c'est-à-dire, le plus souvent mortelle* (PEREC, 1993, p. 36, tradução nossa, grifo nosso).

<sup>9</sup> *Aujourd'hui, quatre ans plus tard, j'entreprends de mettre un terme – je veux tout autant dire par là 'tracer les limites' que 'donner un nom' – à ce lent déchiffrement* (PEREC, 1993, p. 18, tradução nossa, grifo nosso).

<sup>10</sup> *C'est pour cette raison que tous les membres de ma famille adoptive qui n'avaient pas choisi d'émigrer aux États-Unis [...] se réfugièrent à Villard-de-Lans en même temps que quelques-uns de leurs alliés (j'entends par là des parents lointains)* (PEREC, 1993, p. 107, tradução nossa, grifo nosso).

SD4: Por volta de seis horas e vinte [...] decidi partir.  *Talvez* houvesse uma mensagem de [...]. [...]  *talvez* ele me esperasse em um dos salões [...]  *talvez* se desculpasse e me propusesse adiar essa entrevista para mais tarde?<sup>11</sup>

SD5: Foi meu pai,  *eu acho*, que me registrou na prefeitura.<sup>12</sup>

Nesses enunciados, vemos, a partir das formas linguísticas  *talvez* e  *eu acho*, que o sujeito se inscreve em um espaço de dúvidas em relação não apenas ao que ele diz, mas também, e especialmente, em relação à sua constituição face ao que ele viveu. A demonstração de incerteza descreve o estado de quem conta a história, pois, apesar da lembrança quase exata da hora da decisão (“Por volta de seis horas e vinte”), as dúvidas levam o sujeito a reavaliar sua própria decisão com o  *talvez*. No caso do  *Eu acho*, as formas são ainda mais singulares porque a informação incerta concerne ao seu registro de nascimento: o sujeito não tem certeza de que foi seu pai quem o registrou e, em razão disso, o próprio ato de registro de nascimento fica comprometido.

No desdobramento do dizer que se volta sobre si mesmo, é possível demarcar subdivisões dos efeitos de incerteza, considerando diferentes formas convocadas de materialização linguística (construções sintáticas e seleções lexicais) e as posições do sujeito que enuncia:

... o que cada comentário manifesta é, com efeito, precisamente este “esforço” que o enunciador deverá fazer tratar – suprimir ou acolher, segundo o caso – estes “outros sentidos” que não “dormem”, mas “existem”, não abolidos pelo contexto, em um ponto de X do dizer. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 30).

Trata-se, pois, de descrever o processo que leva o sujeito do dizer a retornar sobre seu próprio dito, numa tentativa de eliminar ambiguidades

---

<sup>11</sup> *Vers six heures et vingt [...] j'ai décide à partir. Peut-être y avait un message de [...]. [...] peut-être m'attendait-il dans l'un des salons [...] peut-être s'excusait-il et me proposait-il de remettre cet entretien à plus tard ?* (PEREC 1993, p. 31, tradução nossa, grifo nosso)

<sup>12</sup> *C'est mon père, je crois, qui alla me déclarer à la mairie* (PEREC, 1993, p. 35, tradução nossa, grifo nosso).

do discurso, com vistas a conseguir um sentido único, pretensamente controlado. Isso pode ser observado nos seguintes exemplos:

SD6: Feito esse esclarecimento, *poderia dizer que acho* que a infância de minha mãe foi sórdida e sem história. Ela nasceu em 1913 e não teve escolha além de crescer na guerra. [...] Parece que vejo, quando penso nela, uma rua sinuosa do gueto.<sup>13</sup>

SD7: Foi embora. *Não sei quando nem como nem por quê.*<sup>14</sup>

Novamente, é a memória da tragédia que impõe ao sujeito um retorno à narrativa de sua existência, deixando no discurso indícios de dúvidas. Ele não tem certeza sobre o destino de sua mãe, pois a construção “poderia dizer que acho que a infância de minha mãe” se estabelece ao mesmo tempo em que a incerteza e o sofrimento – materializados na metadiscursividade constante – são arregimentados em decorrência da perda da mãe. Tal incerteza se reproduz no excerto SD7. Em que pese a convicção da partida, o momento, o modo e o motivo dessa partida são incertos e é neste ponto que flagramos o dizer tanto retornando sobre as certezas subjetivas quanto construindo o lugar do sujeito hesitante.

Nessa perspectiva, importa considerar que o processo de reformulação não diz respeito unicamente à ordem do dizer *stricto sensu*, mas também a tudo o que participa da enunciação. Daí não ser possível ignorar o contexto e a posição subjetiva diante dos outros, até porque se sabe que

Fundamentalmente, as palavras que dizemos não falam por si, mas pelo... “Outro”: Outro que abre o discurso sobre sua exterioridade interdiscursiva interna, a nomeação sobre a perda relativamente à coisa, a cadeia sobre o excesso de sua “significância”, a comunicação sobre

---

<sup>13</sup> *Cette précision apportée, je dirai donc que je suppose que l'enfance de ma mère fut sordide et sans histoire. Née en 1913, elle ne put faire autrement que de grandir dans la guerre. [...] Il me semble voir, lorsque je pense à elle, une rue tortueuse du ghetto* (PEREC, 1993, p. 50, tradução nossa, grifo nosso);

<sup>14</sup> *Le départ se fit. Je ne sais ni quand, ni comment, ni pourquoi* (PEREC, 1993, p. 52, tradução nossa, grifo nosso).

a abertura intersubjetiva, e, no total, a enunciação sobre a não-coincidência consigo mesmo do sujeito. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 26)

Essa relação entre o eu e o outro, na configuração enunciativa do romance de Perec, e seu papel na explicitação do dizer face às expectativas do interlocutor, pode ser comprovada mais claramente nas seguintes seqüências:

SD8: [...] toda família, a totalidade, a integralidade da família está lá, reunida em torno da criança que acaba de nascer (*entretanto, eu não disse há pouco que eu tinha três anos?*)<sup>15</sup>

SD9 : *Eu esqueci* as razões que, aos doze anos, me fizeram escolher a Terra do Fogo<sup>16</sup>

Nesses termos, ocorre uma interpelação do leitor e cria-se outra cena enunciativa também marcada pela incerteza em evidência tanto no enunciado que está entre os parênteses da SD8 quanto no comentário da SD9, pois, em ambas as seqüências, o enunciador dialoga diretamente com o leitor. Questiona-se o fato de ele ter ou não ter dito sua idade àquele que lê a história. Na verdade, trata-se de uma seqüência ambígua, com duplo movimento enunciativo, na medida em que, ao realizar aquela interpelação, o enunciador questiona a si próprio. Eis uma das características da modalidade autonímica do discurso: formular uma proposição que visa a não somente corrigir/ajustar o dizer, mas também a destacar o que o dizer representa para o próprio sujeito do enunciado.

Frases interrompidas, silêncios, hesitações, busca por outras palavras, verbos que denotam incertezas e dúvidas – rupturas no fio do discurso – são formas que revelam as não coincidências entre as palavras e o que elas

---

<sup>15</sup> [...] *toute la famille, la totalité, l'intégralité de la famille est là, réunie autour de l'enfant qui vient de naître* (n'ai-je pourtant pas dit il y a un instant que j'avais trois ans?) (PEREC, 1993, p. 26, tradução nossa, grifo nosso).

<sup>16</sup> J'ai oublié *les raisons qui, à douze ans, m'ont fait choisir la Terre de Feu* (PEREC, 1993, p. 222, tradução nossa, grifo nosso).

designam a partir do conceito de modalidade autonímica. Sublinhe-se a dimensão metaenunciativa, com destaque para os efeitos de sentido produzidos por movimentos enunciativos, sobretudo os que resultam de um comentário que modaliza o dizer no mesmo instante em que este dizer se realiza.

O trabalho de interpretação das glosas do personagem que conta ao leitor sua trágica experiência de vida revela, dentre outras questões, a importância do interlocutor na construção e desenvolvimento do enunciado. No texto de Perec, são notórios os movimentos em que o enunciador produz a figura de um sujeito que busca controlar, dominar suas ações e discurso mesmo diante de problemas que parecem sem solução imediata, como nesta sequência:

SD10: [...] mas que minha ignorância em matéria de heráldica me impede de identificar, *ou mesmo*, de decifrar.<sup>17</sup>

A expressão “ou mesmo” ativa uma forma de sinonímia entre a ação de identificar e a de decifrar. O enunciador retorna a seu dizer para deixar mais claro a dificuldade em entender os significados de certo brasão. Assim, a gradual construção sinonímica que vai da identificação à decifração remete à capacidade intelectual do personagem no que diz respeito à ciência heráldica. Nesse sentido, a sequência em questão visa a esclarecer o interlocutor sobre o fato de que o personagem não sabia interpretar o símbolo.

Observe-se que a explicitação do sentido não diz respeito somente às palavras, mas também às lembranças de um tempo outro. As glosas ou refacções do dizer constroem um “sujeito indeciso”, lutando contra as dúvidas passadas que o motivaram a tomar decisões diante das adversidades da vida. Quando o personagem tenta proteger seu dizer, ele cria um espaço destinado a convencer o outro – seja o leitor seja ele mesmo – sobre o fato de ele ter tomado a decisão certa.

SD11: Na manhã seguinte, tomado por um pressentimento tenaz, coloquei em uma sacola algumas roupas e *o que eu poderia ter chamado*, se não fosse tão ridículo, meus bens mais preciosos [...] um relógio de

---

<sup>17</sup> [...] *mais que mon ignorance en matière d'héraldique m'interdit d'identifier*, ou même, *plus simplement, de déchiffrer* (PEREC, 1993, p. 19, tradução nossa, grifo nosso).

bolso prateado que *poderia facilmente ter sido* do meu bisavô.<sup>18</sup>

Mais uma vez, notamos a incerteza com relação à herança familiar do enunciador materializada na segunda expressão sublinhada, a que menciona o relógio. Recupera-se incessantemente esse laço de família, porque é a partir dessa posição subjetiva que as glosas autonímicas são instaladas no discurso. Na maioria das vezes, as formas de representação reflexiva do dizer nesse discurso objetivam aclarar, de modo indireto, a relação do sujeito com a ausência de seus pais. É nesse sentido que as expressões “[...] o que eu poderia ter chamado [...]” e “[...] que poderia facilmente ter sido [...]” saturam de insegurança e incertezas as informações sobre “[...]bens mais preciosos [...]” e “[...] ter sido do meu bisavô [...]”. Essa característica impõe uma especificidade importante no uso da modalidade autonímica no cerne do romance de Perce, na medida em que, efetivamente, no lugar de assegurar o dizer, os metaenunciados do enunciador produzem um discurso fortemente hesitante. Contudo, é necessário destacar que a exatidão das informações é menos importante que o acontecimento da perda ou da ausência constitutivo da posição subjetiva em questão.

Existem formas sintáticas fixas que denotam a não coincidência do dizer, mas há também formas lexicais que a representam. Em *W*, o personagem muitas vezes parece querer esclarecer as incertezas a partir da explanação do sentido que a própria incerteza assume para ele. Isso quer dizer que as estruturas linguísticas mostram o paradoxo vivenciado pelo sujeito. Demonstrar explicitamente sua incerteza funciona como um modo de eliminar esta mesma incerteza, dando lugar ao sujeito consciente daquilo que ele gostaria de fazer, apesar das dificuldades.

SD 12: [...] *Parece que* por um longo tempo as coisas continuam a ser para ela o que elas sempre foram [...] muitas coisas estão para sempre distantes de suas lembranças.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> *Le lendemain matin, pris d'un pressentiment tenace, je fourrai dans mon sac de voyage un peu de linge et ce que j'aurais pu appeler, si cela n'avait été à ce point dérisoire, mes biens les plus précieux [...] une montre de gousset en argent qui aurait très bien pu me venir de mon arrière-grand-père* (PEREC, 1993, p. 23, tradução nossa, grifo nosso).

<sup>19</sup> [...] *Il me semble que très longtemps les choses continuent à être pour elle ce qu'elles ont toujours été [...] trop de choses s'éloignent à jamais de ces souvenirs* (PEREC, 1993, p. 50, tradução nossa, grifo nosso).

## Conclusão

Este estudo sobre a constituição do sujeito hesitante em *W ou le souvenir d'enfance* possibilitou mostrar as não coincidências do dizer impondo a disjunção do sujeito ao seu próprio dizer e, nesse percurso, inventariar o trabalho incessante do sujeito do dizer que se volta sobre suas próprias palavras, valendo-se de formas metaenunciativas da modalidade autonímica. Com efeito, destacaram-se as torções, reformulações, ajustamentos, retoques do dizer, enfim, laçadas reflexivas de um dizer que se volta explicitamente sobre si mesmo e instaura, em W, um efeito de sentido de instabilidade e de incerteza, permitindo-nos caracterizar um sujeito hesitante produzido pela memória de uma falta traumática.

Essa caracterização só é possível mediante as observações feitas acerca das tramas meta-enunciativas em cujas formas está circunscrito o discurso de um sujeito, ilusoriamente, consciente em meio a lembranças perdidas na memória, assombradas pela morte dos pais, mais particularmente pela morte da mãe.

Foram considerados, precisamente, três procedimentos discursivos estudados por Authier-Revuz (1994): paráfrase, sinonímia ou dupla antonímia e a contextualização adicional. Sobressaíram-se nas análises os momentos em que o sujeito, reflexivamente, dobra o dizer, realizando-o sob a forma da MA representada no fio do discurso por formas marcadas que, na dinâmica da não coincidência do dizer, atestaram posições enunciativas próprias a um discurso constituído pela dor e pela falta que traumatizaram o sujeito-enunciador.

Foi considerado, igualmente, o fato de que a MA não apresenta apenas uma relação interna com a língua, mas também uma relação com a condição histórica do sujeito. Por isso, o sujeito hesitante tenta preencher suas memórias de infância evocando lembranças lacunares atualizadas constantemente no fio do discurso metaenunciativo.

## Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogenité montréal et heterogenité constitutive: elements pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV-Revue de Linguistique*, n. 26, p. 91-151, 1982.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

AUTHIER-REVUZ, J. Jeux méta-énonciatifs avec le temps. *Temps et discours*, Parret H. éd., P. U. de Louvain (coll. La Pensée philosophique), p. 87-105, 1993.

AUTHIER-REVUZ, J. L'énonciateur glosateur de ses mots: explicitation et Interprétation. *Langue française*, n. 103, p. 91-102, 1994.

AUTHIER-REVUZ, J. Méta-énonciation et comparaison : remarquessyntaxiques et sémantiques sur les subordonnées comparatives de modalisation autonymique. *Faits de langues*, n. 5, p. 183-192, Mars 1995.

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas*: as não-coincidências do dizer. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

AUTHIER-REVUZ, J. Le fait autonymique : Langage, langue, discours – quelques repères. *CAVI Paris III Sorbonne Nouvelle*. 2002. Disponível em: <<http://www.cavi.univparis3.fr/ilpga/autonymie/theme1/authierrel.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2010.

PEREC, Georges. *W ou le souvenir d'enfance*. Paris: Gallimard, 1993.

Recebido em abril de 2013  
Aprovado em agosto de 2013